

---

# Resenha crítica

## Filme: *A corrente do bem*

EGESLAINE DE NEZ\*

---

### Resumo

O filme *A corrente do bem* retrata a história de um professor e de seus alunos no início do ano letivo. Eugene Simonet é professor de Estudos Sociais e durante suas aulas fez um desafio aos alunos: deveriam desenvolver um trabalho com o objetivo de mudar o mundo. Era uma proposta que instigava uma participação mais ativa no mundo onde viviam para deixá-lo melhor. Todos trouxeram ideias, algumas até interessantes, outras nem tanto. A maior parte deles desenvolveu atividades sobre o meio ambiente, sem muita inovação.

Um de seus alunos, porém, Trevor McKinney, se destacou, criando um jogo em que a pessoa, a cada favor recebido, tinha de retribuir para outras três pessoas, e assim sucessivamente. Seu trabalho tinha como base transformar a vida das pessoas, ou

---

\* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pedagoga e Especialista em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário Vale do Teles Pires (Colider/MT).

seja, mudar realmente o mundo. Ele o chamou de *Pay it forward* (“Passe adiante”).

Eugene ficou surpreso com a ideia de Trevor e começou a discutir com os alunos, para colocá-la em prática em sala de aula e também na escola, não imaginando que ele poderia concretizá-la na vida real.

A princípio o desafio do aluno foi quase impossível de ser realizado, pois seu trabalho era bem complicado, visto que dependia de muitas pessoas, conforme o gráfico que o aluno fez para explicá-lo para a turma. Ele fez várias tentativas e teve muitas decepções na execução do projeto.

Um dia, ao voltar para casa após a aula, Trevor resolveu ajudar a primeira pessoa que encontrasse no caminho. Encontrou um homem (drogado), que estava procurando alimentos no lixo, e levou-o para casa, dando-lhe o que comer e o que vestir.

Arlene McKinney, a mãe de Trevor, foi sua segunda tentativa. Trabalhava fora o dia todo, pois precisava sustentar o filho e a casa, uma vez que o marido a abandonara, e, por causa dos problemas diários, começou a beber. Chegava em casa cansada e não dava atenção ao filho. Numa noite, sua mãe, ao descobrir que havia um estranho em casa, ficou furiosa, conversou com Trevor e ficou sabendo que o acolhera por causa de um trabalho escolar do professor de Estudos Sociais.

Ela foi até a escola, para reclamar com o professor, que descobriu que o aluno levou o trabalho bem a sério, querendo realmente mudar a vida das pessoas. Assim, o aluno tinha cumprido a primeira etapa do jogo e ajudou um indivíduo, que arrumou emprego e estava, agora, tentando ajudar a própria mãe (a segunda pessoa).

Sua terceira investida era seu professor, que era introvertido. Trevor armou um encontro dele com sua mãe, que estava sempre sozinha, pois, assim, ele teria um pai e uma pessoa para conversar. Tudo estava correndo tranquilamente quando o ex-marido de

Arlene resolveu aparecer, e ela o aceitou de volta. Ele, porém, tentou agredi-la novamente, e Arlene resolveu abandoná-lo definitivamente e ter uma vida feliz ao lado de uma pessoa que a respeitasse (Eugene).

Trevor foi determinado em seu desafio, mesmo com dificuldades que teve ao ajudar as três pessoas que havia tomado como ponto de partida para seu trabalho. Mas sua maior preocupação não era a atividade escolar, e, sim, a mudança na vida dessas pessoas. Ele também queria executar seu projeto no espaço escolar, pois tinha um amigo que era agredido por meninos maiores e sempre apanhava, mas nunca teve coragem de ajudá-lo, e isso o angustiava.

Com o passar dos meses, a notícia do “Passe adiante” tinha se espalhado. A primeira pessoa (o estranho) ajudado por Trevor já estava fazendo o mesmo por outra (a corrente tinha dado certo), sua mãe também perdoara à sua avó, que não os via há muito tempo (mais uma vez a corrente estava acontecendo). Assim, seu projeto teve grande proporção e atingiu pessoas de outros lugares, chegando ao conhecimento de um repórter, Chris Chandler, que queria desvendar esse mistério.

Chandler foi até a escola entrevistar o aluno e o professor para saber como surgiu a ideia do “Passe adiante”. Trevor respondeu às perguntas, deixando a todos emocionados. Ao saírem da escola, ele viu seu amigo sendo novamente agredido pelos meninos. Uma coragem enorme se apossou dele, e ele foi ajudar o amigo, mas foi brutalmente atingido por um estilete que o outro menino carregava.

Ele não resistiu aos ferimentos e morreu. Pessoas de outros lugares ficaram sabendo da corrente e de quem foi a ideia de salvar o mundo. Vieram de todas as partes do país para fazer vigília em frente à casa de Trevor, como uma forma de gratidão para jamais se esquecerem de “passar adiante” o respeito e o amor ao próximo.

---

## Análise crítica

Nesse filme, a ficção mostra uma lição de vida que deveria ser aplicada na vida real. Mudar o mundo não é uma tarefa fácil, mas pode-se mudar uma enorme quantidade de coisas na vida de cada um, dos alunos e da comunidade educacional.

Ideias são maravilhosas, sempre. O problema mais difícil é colocá-las em prática. E Trevor fez isso. Há uma infinidade de obstáculos para enfrentar, mas há que se manter a cabeça erguida e seguir em frente. Parar no meio do caminho ou dar ouvido às pessoas que falam que nada vai dar certo não é uma boa opção. A melhor maneira que existe é alcançar os objetivos “sem medo de ser feliz”. Deve-se seguir em frente. Rejeições sempre existem, mas o importante é a batalha para formar bons cidadãos para a vida e para o mundo!

Destaque-se, nesse filme, que é essencial ao educador compreender a importância que o professor tem na vida de seus alunos, pois sua ação docente deve ser coerente com a realidade deles. Trevor mostrou o valor que o professor tem perante a sociedade e seus alunos, bem como o poder que possui de transformar-lhes a vida.

Essa marca pode ser boa ou ruim, depende de como o professor desenvolve suas atividades no espaço escolar, podendo acontecer de forma incorreta, prejudicando-os, ou de maneira a ajudar, melhorando suas ações na sociedade na qual estão inseridos. Cada professor, porém, desenvolve o seu próprio estilo, que é o reflexo da sua atitude e relação com o processo de ensino aprendizagem, conforme sua personalidade e sua compreensão e percepção dos alunos que fazem parte de sua vida cotidiana.

Isso faz lembrar Saint-Exupéry (2006, p. 78) no seu inesquecível *O Pequeno Príncipe*:

Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, pois cada pessoa é única e uma não substitui a outra. Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, mas não vai só; leva um pouco de nós mesmos e deixa um pouco de si mesma. Há os que levam muito. Há pessoas que nada levam, há os que deixam muito e há os que nada deixam. Essa é a maior responsabilidade de nossas vidas [...].

Nesse sentido, o professor é aquele que dá direção ao processo de ensino e aprendizagem e assume o papel de mediador entre a cultura elaborada e em processo de acumulação pela humanidade; é o mediador entre o coletivo da sociedade, construído historicamente, e o aluno. Então, ele exerce o papel de ponte entre o conhecimento universal da sociedade e o conhecimento particular do educando, deixando-lhe marcas evidentes.

Luckesi (1993) afirma que o professor deve ter a “arte de ensinar”. É necessário, assim, um desejo de ensinar; é preciso querer ensinar aos seus alunos. Por isso, torna-se também importante, além da competência teórica, técnica e política, uma paixão pelo que se faz, que se manifeste, ao mesmo tempo, de forma afetiva e política.

Daí vem a “arte de ensinar”, que nada mais é que um desejo permanente de trabalhar, das mais variadas e adequadas formas, para a elevação cultural dos educandos. Cabe, então, ao professor a iniciativa de criar ou aprimorar um ambiente necessário para o exercício de uma atitude dialógica<sup>1</sup>. É por meio dela que o professor poderá atingir o pensamento, a imaginação e as necessidades intelectuais dos alunos.

<sup>1</sup> Cf. mais em FREIRE, 1987.

O educando, como o educador, é caracterizado pelas múltiplas determinações da realidade, ou seja, é um sujeito ativo que, pela ação, se constrói. Ele é um membro da sociedade como qualquer outro sujeito, tendo socialidade, historicidade e praticidade.

Nesse sentido, Luckesi (1993), também caracteriza o aluno como sujeito capaz de construir-se a si mesmo. O educando é um sujeito que precisa da mediação do educador para construir sua cultura, para tomar nas próprias mãos a cultura espontânea que possui, para reorganizá-la com a apropriação da cultura elaborada.

Na escola, o educador deve compreender que o educando é um sujeito como ele mesmo, com capacidade de ação e de crescimento, de aprendizagem, de condutas inteligentes, de criatividade, de avaliação e julgamento.

Assim, a sala de aula transforma-se num espaço de relações pedagógicas. Diante disso, a relação professor-aluno deixa de ser uma relação vertical e de imposição para ser compreendida como um momento de construção de um conhecimento que pode até ser coletivo e participativo (KULLOK, 2002), conforme se verificou na relação entre Eugene e Trevor.

Veiga (1991) colabora, destacando que a sala de aula é o espaço onde professores e alunos se encontram e interagem na construção do conhecimento, e é esse relacionamento que faz a diferença na vida dos alunos, dos professores e da escola, que faz com que brilhem e saiam do anonimato.

Professor e aluno, os sujeitos da aprendizagem, são constituídos nas relações afetivo-histórico-sociais que otimizam construção e reconstrução do saber em uma perspectiva pedagógica que compreenda a diversidade cultural da sociedade brasileira..

Portanto, ser docente implica a autoconstrução como ser humano e, conseqüentemente, como ser professor. Assim, a ação docente é construída na interação, considerando-se a vivência de cada ser e sua própria experiência. A prática educativa se insere nessa realidade social, cultural, econômica e política, sendo necessário ao educador o desenvolvimento de habilidades que lhe permitam desenvolver um trabalho ético e comprometido socialmente.

Isso porque a formação do indivíduo é construída nas relações sociais, e a relação do educador com o educando não ocorre de forma isolada, ao contrário, se dá na interação com a família, com a escola e com a sociedade.

---

Recebido em 19/2/2010

Aprovado em 4/3/2010

---

## Referências

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KULLOK, M. G. B. *Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica*. Maceió: Edufal, 2002.

LUCKESI, C. C. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. 48. ed. São Paulo: Agir, 2006.

VEIGA, I. P. A. (Org.) *Repensando a didática*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1991.



# Instruções para colaboradores

*Paidéia*, revista científica semestral, tem por finalidade publicar artigos relacionados à temática da Educação, enfatizando ensino, pesquisa, extensão e atuação profissional. Em princípio não serão aceitas colaborações que já tenham sido publicadas em outros periódicos nacionais. Solicita-se, ainda, que os autores não apresentem, simultaneamente, textos encaminhados a esta revista e a outros periódicos.

Os trabalhos encaminhados para a *Paidéia* serão avaliados pela Comissão Editorial. Se adequado à linha editorial da publicação previamente estabelecida pelo Conselho Editorial, o trabalho enviado será avaliado por pareceristas membros da Comissão Editorial. Dos pareceres emitidos, podem constar sugestões de alterações, acréscimos ou adaptações necessárias ao aprimoramento do texto examinado, a serem efetuadas segundo a concordância do autor, com vista a possível publicação. Os autores receberão, se for o caso, comunicação relativa aos pareceres emitidos. Nesse processo, os nomes dos pareceristas permanecem em sigilo, junto aos quais também é mantido o sigilo em relação aos nomes dos articulistas.

Os artigos enviados para avaliação devem ser acompanhados de uma declaração que autorize sua publicação no periódico *Paidéia*.

Os direitos autorais dos artigos publicados ficam reservados à Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, da Universidade Fumec. A revista *Paidéia* não se responsabiliza pelos conceitos emitidos ou conteúdos em matéria assinada a que dê publicação.

Após a análise e apreciação do artigo, independentemente do parecer, a Comissão Editorial da *Paidéia* não devolverá os originais enviados para apresentação.

A Comissão Editorial da *Paidéia* se reserva o direito de efetuar, nos artigos originais que forem selecionados para publicação, alterações de ordem normativa, ortográfica e gramatical, com vistas a manter o padrão culto da língua, respeitando, porém, o estilo dos autores. As provas finais dos artigos não serão enviadas aos autores. Publicado o texto, o autor receberá até 05 (cinco) exemplares do fascículo no qual consta o seu artigo.

Os autores dos trabalhos a serem avaliados, enviados por e-mail ou pelo correio, devem observar:

- para trabalhos de mais de uma autoria deverá ser informada a ordem de apresentação dos articulistas e enviadas as declarações individuais autorizando a publicação;
- os originais devem ter o mínimo de 5 e o máximo de 20 laudas, em espaço duplo e fonte em tamanho 12. Se enviado por e-mail, o arquivo deve estar gravado com extensão Rich Text Format (RTF) ou passível de utilização de um processador de texto compatível com PC. Se remetido por correio, o artigo deve estar impresso, em folha A4;
- ao artigo deve ser anexada ficha contendo endereço, telefones, endereço eletrônico, filiação institucional e um currículo abreviado do autor;
- as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) devem ser consideradas, integralmente, no que se refere à apresentação do artigo a ser encaminhado para a avaliação da Comissão Editorial do periódico *Paidéia*. Destarte, sugere-se consultar: NBR 6022; NBR 10520; NBR 12256; NBR 5892; NBR 6028 e 6024.

Os trabalhos devem ser enviados para:

Rua Cobre, 200 • Bairro Cruzeiro • Cep: 30310-190 • Belo Horizonte/MG  
Tel.: (31) 3228-3090 - Fax: (31) 3281-3528  
E-mail: [paidéia@fumec.br](mailto:paidéia@fumec.br)

